

Universidade Federal de Pelotas
Pró-reitoria de pesquisa e Pós-Graduação Centro de Artes
Curso de Pós-Graduação em Artes: Especialização Lato Sensu
Área de Concentração: Artes Visuais / Ensino e Percursos Poéticos



O Professor e a Importância das Artes no Cenário da Educação Especial e Inclusiva para o Desenvolvimento do Aluno com Necessidades Especiais

Maria Elisa Moura Maurenre

Pelotas, 2018

Maria Elisa Moura Mauren

O Professor e a Importância das Artes no Cenário da Educação Especial e Inclusiva para o Desenvolvimento do Aluno com Necessidades Especiais

Monografia apresentada à Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/ Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino e Percursos Poéticos

Orientadora: Prof. PhD. Rosemar Gomes Lemos

Co-Orientadora: Prof. Vera Lúcia Vargas

Banca examinadora:

Prof. M. Sc. Débora Barbosa Quevedo

.....

Prof. Dra. Larissa Patron Chaves

.....

“O essencial é invisível aos olhos”

Agradecimentos:

A DEUS, pois tudo posso naquele que me fortalece.

A minha mãe Jerônima Maurenre e meu ex-marido e meu grande amigo Darci Stoll Machado, que durante suas vidas sempre acreditaram em mim.

Aos meus filhos Maurício, Berenice, Marlise e Thiago pelo grande amor que lhes tenho.

As minhas amigas Amalia Gislaine Prates Heberle e Lucélia Silva pelo apoio e compreensão que precisei. Aos colegas pelos momentos felizes e prazerosos que passamos juntos.

A minha orientadora Rosemar Lemos pela sua dedicação, sua superioridade humana, não permitindo em momento algum que eu desistisse desse sonho. Obrigado por saber ouvir.

Agradeço com todo carinho aos demais professores pela atenção, paciência e respeito.

Resumo:

Este Trabalho resultou da busca de respostas às indagações como: Quais os sentidos e significados das estratégias de ensino utilizadas nos diferentes ambientes de educação formal? Como recursos didáticos são utilizados quando a escola nem sequer tem a infraestrutura adequada? E, por fim, como a arte pode contribuir para o desenvolvimento das crianças especiais na educação formal? Para responder a este problema de pesquisa, busquei refletir a respeito de minha história, a qual demonstra a importância do aprender, e pensar em mim enquanto educadora, para que pudesse trabalhar no intuito de garantir a inclusão a todos seres humanos. À partir dessas experiências, fui levada para a presente pesquisa, que teve como objetivo buscar informações, dados concretos e reflexões sobre a Epistemologia da Educação Especial no que tange ao ensino na área de deficiência mental contemplando a arte em sua prática. Para alcançar tal objetivo o tipo de investigação utilizado foi o estudo de caso, uma das maneiras mais comuns de se desenvolver estudos de natureza qualitativa em ciências sociais aplicadas. Mediante este método, foram realizadas visitas em salas de aula em escolas públicas do município de Pelotas-RS onde haviam alunos com algum tipo de deficiência mental. Utilizou-se para este estudo a observação e coleta de dados imagéticos, além da conversa direta com professoras da rede de ensino da cidade de Pelotas, realizadas em visitas feitas no período de novembro de 2016 a outubro de 2017. Para fundamentar esta pesquisa foram buscadas referências que tratam, no âmbito escolar, da realidade da criança com deficiência especial, sendo Priscila Augusta Lima, a principal referência utilizada, visto que a autora possui vasta experiência com o tema.

Palavras-chave: Educação especial, inclusão

Lista de figuras

Figura 1. Maria Elisa Maurenre. 1º série, Santiago do Boqueirão, 1980.....	12
Figura 2. Maria Elisa Maurenre1º série do lar, Santiago do Boqueirão, 1981.....	13
Figura 3. Maria Elisa Maurenre Classe especial, Santo Ângelo, 1990.....	14
Figura 4. Maria Elisa Maurenre Turma regular, Pelotas, 1997.....	15
Figura 5. Maria Elisa Maurenre Turma Educação Especial, Pelotas 1998.....	17
Figura 6. Maria Elisa Maurenre Turma Educação Especial, Pelotas 1998.....	17
Figura 7. Maria Elisa Maurenre Turma Educação Especial, Pelotas 1998.....	18
Figura 8. Maria Elisa Maurenre Turma Educação Especial, Pelotas 1998.....	19
Figura 9. Maria Elisa Maurenre Turma Educação Especial, Pelotas 1998.....	20
Figura 10. Maria Elisa Maurenre Turma Educação Especial, Pelotas 1998.....	21
Figura 11. Maria Elisa Maurenre Turma Educação Especial, Pelotas 1998.....	22
Figura 12. Maria Elisa Maurenre Sala de Recursos. Pintura em Tela. 2017 (A)....	42
Figura 13. Maria Elisa Maurenre Sala de Recurso. Pintura em tela. 2017 (B).....	43
Figura 14. Maria Elisa Maurenre Sala de Recursos. Pintura em tela. 2017 (C).....	43
Figura 15. Jussara Gutierrez. Turma 2, aula de artes, 2017.....	46
Figura 16. Maria Elisa Maurenre Turma 2, decoupage, 2017 (A).....	47
Figura 17. Maria Elisa Maurenre Turma 2, decoupage, 2017 (B).....	48
Figura 18. Maria Elisa Maurenre Turma 2, decoupage, 2017 (C).....	48
Figura 19. Maria Elisa Maurenre Turma 2, decoupage, objetos prontos, 2017....	49
Figura 20. Maria Elisa Maurenre Turma 1, computação, 2017(A).....	50
Figura 21. Maria Elisa Maurenre Turma 1, computação, 2017(B).....	50
Figura 22. Maria Elisa Maurenre Turma 1, socialização na aula de computação, 2017.....	51
Figura 23. Maria Elisa Maurenre Turma 1, Sala de Computação, 2017 (A).....	52
Figura 24. Maria Elisa Maurenre Turma 1, Sala de Computação, 2017 (B).....	53

Sumário

Introdução.....	8
1. Quais os sentidos e significados das estratégias de ensino utilizadas nos diferentes ambientes de educação formal?.....	11
1.1 A Educação Inclusiva e Igualdade Social	26
1.2 Igualdade e Diversidade	28
1.3 A Educação Especial e Inclusiva no cenário brasileiro: Contextualização do problema.....	34
1.4 Os Movimentos de Educação Inclusiva.....	36
2. Como recursos didáticos são utilizados quando a escola nem sequer tem a infraestrutura adequada?.....	38
3. Como a arte pode contribuir para o desenvolvimento das crianças especiais na educação formal?.....	40
3.1 Escola A.....	40
3.2 Escola B	44
3.3 Escola C.....	49
4. Deficiências intelectuais e suas características.....	55
4.1 Síndrome de Down.....	55
4.2 Autismo.....	57
4.3 Síndrome de West.....	58
4.4 Microcefalia.....	59
4.5 Paralisia Cerebral.....	60
Considerações finais.....	62
Referências.....	64
Apêndice.....	67

Introdução

A presente pesquisa tem como tema a Educação Especial Inclusiva e a inserção da arte como estratégia no desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual. Justifica-se o tema pelo fato de que quando alguém se dispõe a pesquisar a “Educação Inclusiva” e “Educação Especial”, até encontram muitas referências mas as abordagens estão desordenadas, desfavorecendo a organização dos trabalhos docentes. Nos cursos de licenciatura, por exemplo, em geral não há uma disciplina que enfoque e relacione a Educação Especial e Inclusiva. Hoje a legislação brasileira, a partir da lei nº 9.394 LDBEN/1996, determina que as crianças especiais sejam educadas em escolas comuns ainda que as condições sejam iguais de acesso e permanência na mesma. Muitas destas escolas se veem em uma luta árdua para adaptar-se a essa nova realidade. Sendo assim, no que se refere ao professor, podemos constatar que ele tem um papel de extrema importância na educação em geral, na medida que este profissional lida com as emoções dos alunos e, especialmente, o professor de artes abre espaço para o seu desenvolvimento até mesmo em outras áreas. Neste sentido, na Educação Especial, também seu papel é significativo. E eu como educadora, tenho consciência desta importância visto minha própria trajetória na Educação Especial.

Em vista disso, o problema de pesquisa se amparou na busca de respostas às seguintes indagações: Quais os sentidos e significados das estratégias de ensino utilizadas nos diferentes ambientes de educação formal? Como recursos didáticos são utilizados quando a escola nem sequer tem a infraestrutura adequada? E, por fim, como a arte pode contribuir para o desenvolvimento das crianças especiais na educação formal?

A partir destas perguntas, o objetivo da pesquisa foi buscar informações, dados concretos e reflexões sobre a Epistemologia da Educação Especial no que tange ao ensino na área de deficiência intelectual contemplando a arte em sua prática. E teve como objetivos específicos a identificação do papel do professor de arte na educação especial, refletir de que forma se conduz o ensino na educação especial, buscar a coleta de dados em visitas nas escolas da cidade de

pelotas e observar de que forma é utilizado materiais em escolas com pouco recurso.

Para alcançar tais objetivos, a metodologia abordada contou com o estudo de caso, tipo de investigação julgado apropriado ao tema, uma das maneiras mais comuns de se fazer estudos de natureza qualitativa em ciências sociais aplicadas. Trata-se de um plano de investigação que envolve o estudo intensivo e detalhado de algo específico, neste sentido, “o caso”. Segundo BELL:

(...) o estudo de caso pode ser uma abordagem adequada a pesquisas individuais, pois possibilita que um determinado aspecto de um problema seja estudado com alguma profundidade. (BELL, p. 18, 2008)

Ainda Yin (2005) explica que:

O *estudo de caso* constitui-se uma escolha metodológica em situações de investigação empírica, mas quais surgem questões do tipo ‘como?’ e ‘porque?’ e quando se tem como objetivo ‘um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto estão claramente definidos’. (YIN p.32, 2005; SANTOS, p. 49, 2008)

Sendo assim, por meio deste método, foram realizadas visitas em salas de aula de escolas públicas do município de Pelotas-RS onde havia a presença de alunos com algum tipo de deficiência intelectual.

Utilizou-se para este estudo a observação e coleta de dados imagéticos, além da conversa direta com professoras da rede de ensino da cidade de Pelotas, realizadas em visitas feitas no período de novembro de 2016 a outubro de 2017.

Foi observada e avaliada a maneira como ocorriam as atividades em sala de aula, como a arte se fazia presente nestas atividades e qual a sua interferência no desenvolvimento dos alunos com necessidades especiais a partir do método de ensino-aprendizagem aplicado.

Para fundamentar esta pesquisa foram buscadas referências que tratam, no âmbito escolar, da realidade da criança com deficiência intelectual, sendo Priscila Augusta Lima¹, a principal referência utilizada, visto que a autora possui

¹ Priscila Augusta Lima, é professora adjunta de Psicologia da Educação e Fundamentos da Educação Inclusiva e Educação Especial nos Cursos de Licenciatura e Pedagogia da Faculdade de Educação da UFMG. Atua como docente em cursos de pós-graduação, presenciais e à

vasta experiência com o tema. A autora trabalhou com portadores de deficiências especiais e com alunos dos cursos de formação de professores em Educação Inclusiva e Educação Especial. Em “Educação Inclusiva e Igualdade Social” (2006), referência utilizada neste trabalho, Lima traz reflexões acerca do entendimento da Educação Inclusiva e especial, junto de informações e ponderações sobre as diversas necessidades especiais, além de esboços de graduandos de diferentes cursos e professores em sua prática inclusiva.

distância. Coordena o GEINE-FAE-UFMG, Grupo de Estudos de Educação Inclusiva e Necessidades Especiais.

1. Quais os sentidos e significados das estratégias de ensino utilizadas nos diferentes ambientes de educação formal?

O meu primeiro contato com um deficiente aconteceu quando eu tinha mais ou menos oito anos. Não era de minha família, visto que não havia caso de deficiência nesta. Era um menino filho de minha vizinha e tinha hidrocefalia. Na época a ciência não dava importância a essas pessoas, como também os familiares. Com grandes dificuldades de tratamento, acabavam só dentro de casa visto que também não era costume “ficar mostrando o seu deficiente” a quem chegasse.

Quando comecei a trabalhar no magistério em Santiago do Boqueirão, em 1979, tinha preferência pelas crianças menores, estavam na faixa etária dos sete anos, entrando diretamente na primeira série. Desde o começo, escolhi dar aula, para as crianças que tinham mais dificuldades de aprendizagem. As turmas eram selecionadas por testes. Chamavam de testes de inteligência, para verificar o QI² de cada criança, após este procedimento é que formavam as turmas.

Falei à Coordenação que queria dar aula para a turma com QI mais baixo, e fui atendida. Minha intenção era fazer um trabalho diferenciado, com mais atenção e valorizar todos os seus gestos, sem pressa, enfim com mais humanismo e sentimento, respeitando a condição de serem crianças um pouco mais lentas no processo de ensino-aprendizagem.

Muitas dessas crianças, sem estímulo nenhum, nem sequer o lápis sabiam pegar, a fala era muito prejudicada, nunca tinham passado por um pré-escolar, em suma: essas primeiras séries eram chamadas de primeira série do lar (Figs. 1 e 2).

² QI: Quociente de inteligência (abreviado para QI, de uso geral) é um termo proposto por William Stern que significa o resultado da divisão da idade mental pela idade cronológica multiplicado por 100. A idade mental é obtida por meio de testes desenvolvidos para avaliar as capacidades cognitivas de um sujeito, em comparação ao seu grupo etário. Assim, uma criança com idade cronológica de 10 anos e nível mental de 8 anos teria QI 80, porque $(8/10) \times 100 = 80$. (AMARAL, p. 3, 2007)



Figura 1. 1º série, Santiago do Boqueirão, 1980

Fonte: Maria Elisa Maurenre



Figura 2. 1º série do lar, Santiago do Boqueirão, 1981

Fonte: Maria Elisa Maurente

Como acontece no presente, eram mal alimentados e de uma classe social carente. Mesmo, passando por essa triste realidade, as crianças em sua maioria, estavam alfabetizadas, lendo pequenos textos, “fazendo as continhas” e o mais lindo de tudo, com alegria.

Morei em várias cidades do Estado. Comecei na profissão de professora em Bagé-RS, onde fiquei por pouco tempo, mas valeu muito esse primeiro passo. A seguir, continuei meu trabalho em Santiago do Boqueirão-RS. Nos poucos anos que fiquei lá, aprendi muito como trabalhar com as crianças da periferia e posso afirmar que todos, de uma maneira ou outra, evoluíram.

Em Santo Ângelo-RS, mais tarde, surgiu o Curso de Capacitação para Deficientes na área mental e física. Fui indicada pela Direção da escola para participar do curso, onde construí muitos conhecimentos sobre os alunos com necessidades especiais educativas.

Nesta época, em 1990, as classes especiais das escolas em que eu trabalhava (que eram duas) estavam fechadas por falta de professores

especializados para atuar na educação especial. Assumi, neste período, uma turma de alunos com necessidades especiais educativas, turma representada na figura 3.



Figura 3. Classe especial, Santo Ângelo, 1990

Fonte: Maria Elisa Mauren

A partir da participação no curso acreditei que estava preparada, visto que já tinha uma larga experiência em alfabetizar crianças da classe regular. Julguei então que poderia, naquele momento, dar início a alfabetização dos alunos da educação especial. Fiz isto e tive grandes surpresas pois, dependendo das características das deficiências, caso fossem leves, a criança se desenvolvia e se alfabetizava. Exemplifico no campo das artes, onde elas são capazes de realizar trabalhos bem elaborados, porém, de modo vagaroso.

O direito de todos os indivíduos à educação é como um caminho de integração com o meio social, deve ser respeitado, independente das dificuldades ou deficiências. Dando prosseguimento ao relato de minha vida profissional, com os conhecimentos teóricos e práticos na área da deficiência mental, senti-me fortalecida para falar sobre alfabetização de alunos, mesmo sabendo que essa tarefa seria difícil. Através de um olhar atento, descobri algo muito importante,

constatei que a tolerância e a paciência seriam meus bons aliados nessa importante tarefa. Descobrimo então, que conseguia trabalhar com alfabetização na educação especial.

Porém, para isso acontecer deveria recorrer à área das Artes através de exercícios, jogos, desenhos, cores, tintas, músicas, danças, teatro e tudo o que se referisse ao desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Na minha forma de ver, com muitos anos, convivendo com os deficientes, acredito ser, com as Artes que eles mais evoluem e na continuação da narrativa corroboro.

Em 1996, novamente mudei de cidade, vim morar em Pelotas-RS, e como professora que era, fui para uma escola regular durante um ano. Trabalhei com uma primeira série de 34 alunos, como mostra a figura 4. As crianças passaram por média, sendo esses por mim conceituados como “muito inteligentes”, exceto uma aluna, a qual apresentava dificuldades de aprendizagem.



Figura 4. Turma regular, Pelotas, 1997

Fonte: Maria Elisa Maurenle

Passei a ensiná-la diferente, porque enquanto os outros corriam, ela caminhava devagar. Precisava acompanhar o seu tempo neurológico. Era gêmea com outra menina, foi a segunda a nascer e teve falta de oxigênio no cérebro segundo informações repassadas pela avó que era funcionária da escola onde ela

estudava. A deficiência era leve e, com um trabalho diferenciado, a menina superou e foi aprovada, juntamente com seus colegas. Constatei, que valeu muito a paciência, tolerância e muitos exercícios contendo Artes. Com esta aluna as dificuldades eram a pintura, desenho, a dança, o canto e principalmente o mosaico (pedaços de papel colados até completar a figura), onde era difícil para ela juntar e separar as figuras. Porém a aplicação dessas práticas artísticas permitiu a aluna desenvolver-se melhor até com as letras pois passou a evoluir na aprendizagem. Da leitura e escrita por meio da segurança e persistência a ela dedicada, trouxe uma força maior na aprendizagem, melhorando assim o raciocínio lógico e a memorização.

Em 1998, ainda no mesmo município, fui trabalhar numa escola direcionada somente a alunos com necessidades especiais (Figura 5), a escola CERENEPE, (Centro de Recuperação Neurológica de Pelotas). Nessa escola, no desempenho profissional, tive condições de mostrar tudo que já havia aprendido, além de também descobrir mais sobre o ser humano e a vida. Adaptei-me bem com os alunos, com os colegas e demais funcionários. Cresci como profissional e evolui como pessoa e ser humano. Posso afirmar que a melhor parte, era o amor que eu sentia pelas crianças, um pouco professora, um pouco mãe e amiga, assim eu me completava com eles.



Figura 5. Turma Educação Especial, Pelotas 1998

Fonte: Maria Elisa Maurenre

Na escola CERENEPE, eram atendidos, alunos com síndrome de Down e várias síndromes, paralisia cerebral PC, déficit de atenção, atraso mental, e outros

(Figuras 6 e 7). Algumas destas doenças citadas serão exemplificadas e aprofundadas no capítulo 4 deste texto. Eram turmas de alunos especiais com a presença de várias síndromes.



Figura 6. Turma Educação Especial, Pelotas, 1999

Fonte: Maria Elisa Maurenre



Figura 7. Turma Educação Especial, Pelotas 1998

Fonte: Maria Elisa Maurenre

Acompanhei essa diversidade toda, com muita atenção, dedicação e humanismo, como é possível perceber pelas imagens apresentadas nas figuras 8, 9, 10 e 11. Sempre me senti comprometida com essas pessoas, procurava ajudá-los da melhor forma possível porque antes de tudo devo-lhes respeito e amor, sendo contrária a qualquer tipo de preconceito.



Figura 8. Turma Educação Especial, Pelotas 2005

Fonte: Maria Elisa Maurenre



Figura 9. Turma Educação Especial, Pelotas 2000

Fonte: Maria Elisa Maurenre



Figura 10. Turma Educação Especial, Pelotas 1998

Fonte: Maria Elisa Maurenre



Figura 11. Turma Educação Especial, Pelotas 2003

Fonte: Maria Elisa Maurente

Na minha prática como educadora, tive a oportunidade de trabalhar com alunos portadores da síndrome de Down, síndrome que será aprofundada no capítulo 4. Observei que eles desenvolviam as atividades com sucesso no campo das artes pois os interesses de meus alunos eram visíveis quando quando trabalhava com a arte. Fiz parte, por muito tempo do corpo docente da escola especial CERENEPE o que me proporcionou uma vasta experiência na área.

No ano de 2001, nesta escola, o teatro trouxe aos alunos com síndrome de Down um grande interesse e entusiasmo em participar das peças teatrais. Neste ano eles tiveram a oportunidade de participar de algumas peças teatrais como , por exemplo, a Formiga e a Cigarra, O nascimento do Menino Jesus e outras. Foram realizados muitos ensaios, dedicação e organização individual, sabendo que tinham que representar o seu personagem na peça. Os ensaios eram feitos pela professora de educação física, porém três dos nove alunos envolvidos eram meus alunos e eu como professora também tive minha participação na organização das peças teatrais.

Na peça a Formiga e a Cigarra, os objetivos propostos eram, a socialização, organização, exercitação da memória e o desenvolvimento da linguagem. A participação dos três alunos de minha turma foi positiva pois, tiveram um avanço importante na sua capacidade de atuar, visto que alunos com síndrome de Down possuem grande capacidade de interpretar e representar papéis. E também puderam mostrar para suas famílias e para a sociedade que eles podem, mas para isso precisam de oportunidades.

Também no CERENEPE no ano de 2004, ministrei uma atividade em dança, que tinha como objetivo coordenação motora ampla, o desenvolvimento da socialização e organização. Com a atividade realizada com a aluna com Down, ela mostrou muito interesse e proporcionou o melhor relacionamento com os colegas e até mesmo o auxílio para atividade. É notoriamente positivo porque os alunos exteriorizam o íntimo de sua personalidade, formando pessoas mais afetivas, expressivas e sensoriais.

Como professora de educação especial, também convivi com alguns alunos autistas. Algumas características da doença se nota desde a infância como repetição, problemas na fala entre outras, explicação dela mais especificada no capítulo 4.

No ano de 2005, no CERENEPE, uma aluna de minha turma que era autista e vou chamá-la de L, tinha seus vinte anos de idade. Possuía ausência total da fala, olhar perdido, déficits notório na interação social, sinalizava sim e não com a cabeça, com um grito chamava atenção para si.

Neste ano ministrei a atividade de recorte e colagem para a turma que ela fazia parte. O objetivo da atividade era a coordenação motora fina, desenvolvimento de noção de cores, e discriminação visual. A aluna desenvolveu com sucesso a atividade proposta realizando de forma mais elaboradas que os colegas. Ela não era agressiva, nunca dava um sorriso, mas ficava em seu isolamento.

Já a aluna autista que vou chamá-la de S, tinha o transtorno invasivo do quadro comportamental, déficits qualitativo na interação social, padrões de comportamento repetitivos, atraso de linguagem, ausência da fala, compreensão muito reduzida.

Também em 2005 no CERENEPE, propus a atividade de recorte de figuras que tinha como objetivo a coordenação motora fina, noção de cores e limites. Porém esta aluna se recusava a realizar as atividades, seu interesse era recortar papel, indiferente se fosse elaborar algum trabalho com ele. Desta forma a aluna não atingia os objetivos previstos nas atividades. Apesar disso, ela estava sempre sorrindo, brincava com seus próprios dedos com e fazia estranhos movimento na face. Ela tinha quarenta e cinco anos.

A aluna que vou chamar V, apresentava um transtorno invasivo bem visível em seu quadro comportamental. Déficits qualitativos na interação social, padrão de movimentos repetitivos com a cabeça. Restrição no interesse por todos os tipos de atividades, mesmo assim executava suas atividades de artes visuais.

No ano de 2006, ministrei a atividade de colorir gravuras com lápis de cor, com o objetivo de desenvolver a coordenação motora fina e a distinção e o reconhecimento das cores. A aluna, mesmo de forma lenta, conseguiu atingir os objetivos propostos. Ela ainda possuía a ausência total da fala, fazia-se presente através de sussurros sem entendimento nenhum. Vivia em seu universo, nunca demonstrou agressividade. Sua idade era acima de quarenta anos de idade.

Também ministrei aulas para alunos com Síndrome de West, mais aprofundada no capítulo 4. Recordo bem que em 2000, na escola CERENEPE tive como aluno um menino portador da síndrome. Ele tinha nove anos de idade. Apresentava atraso de linguagem e presença de hiperatividade. Demonstrava uma boa compreensão de todas as atividades que eu oferecia, porém devido a sua hiperatividade mostrava-se muito agitado.

Neste ano ministrei uma atividade de pintura com tinta guache. A atividade tinha o objetivo de desenvolver coordenação motora fina, criatividade e noção de cores.

O aluno demonstrava interesse pelas tintas e pincéis e acabou executando a atividade proposta, porém mostrava ansiedade para a conclusão do trabalho. Percebi que na presença de atividades de artes visuais ele se acalmava. Hoje esse aluno tem acima de dezoito anos, desenvolveu a fala e a hiperatividade está controlada.

Também em minha experiência na Educação Especial, tive a presença da Microcefalia entre alunos de minhas turmas. Uma doença que que prejudica o

desenvolvimento mental da criança. A doença está mais esclarecida no capítulo 4.

Em 2004 e 2005, duas alunas possuíam a doença. As turmas destes anos tinham em média de 8 a 11 alunos em cada turma e eram ministradas por mim no CERENEPE.

Em 2004, tinha uma aluna com Microcefalia que participava de vários trabalhos de artes visuais bem como recorte e colagem, teatro e dança, porém demonstrava um certo atraso de linguagem.

Neste ano a dança foi ministrada para minha aluna pela professora de educação física. O objetivo da atividade era desenvolver a coordenação motora ampla, interação em grupo e socialização. Pude perceber que com a participação de minha aluna que ela teve uma melhora significativa em seu humor e na relação com seus colegas.

Em 2005, tive em minha turma outra aluna. Neste período ministrei uma atividade com papel rasgado e colagem, com o objetivo de desenvolver a coordenação motora fina, noção de cores e limites. Nesta ocasião a aluna obteve um aprimoramento da atividade reconhecendo cores e obedecendo limites.

Na educação especial era comum encontrar crianças com paralisia cerebral, que também foi uma das doenças de meus alunos nas turmas especiais. A criança com PC geralmente apresenta problemas físico, sensoriais, psicológicos, sociais, características que serão melhor explicadas no capítulo 4.

No ano de 2006 no CERENEPE, havia uma aluna com PC. Ela apresentava déficits em sua comunicação social, isolamento do grupo, a sua compreensão completamente prejudicada, presença de movimentos repetitivos. Executava todas as atividades oferecidas por mim. Nesta ocasião realizei uma atividade com lápis de cor e cartões de natal com o objetivo de desenvolver a coordenação motora fina e a criatividade. A aluna, apesar dos movimentos dos braços limitados, usava os dentes para realizar a atividade e desta forma atingiu o objetivo proposto.

Ainda observei que ela tinha pavor a barulhos altos demonstrando pânico. Tinha aproximadamente quarenta e cinco anos de idade.

Em vista dos exemplos acima descritos, julgo importante registrar por meio destas experiências que foram de suma importância para que se chegasse no

desenvolvimento da investigação que resultou nessa monografia. Desta forma, pude retomar meu contato com a área que tanto me identifico e me aprofundar ainda mais nas questões atuais, especialmente aquelas cuja arte é mola propulsora para obtenção de bons resultados no que se refere às atividades didático-pedagógicas com crianças especiais.

1.1 A Educação Inclusiva e Igualdade Social

Para fundamentar esta pesquisa foram buscadas referências que tratam, no âmbito escolar, da realidade da criança com deficiência intelectual, sendo Priscila Augusta Lima³, a principal referência utilizada, visto que a autora possui vasta experiência com o tema. A autora trabalhou com portadores de deficiências especiais e com alunos dos cursos de formação de professores em Educação Inclusiva e Educação Especial. Em “Educação Inclusiva e Igualdade Social” (2006), referência utilizada neste trabalho, Lima traz reflexões acerca do entendimento da Educação Inclusiva e especial, junto de informações e ponderações sobre as diversas necessidades especiais, além de esboços de graduandos de diferentes cursos e professores em sua prática inclusiva.

De acordo com a experiência da autora, no trabalho desenvolvido na periferia de Belo Horizonte, em diversos momentos, veio à tona a situação das crianças pobres, encaminhadas para as classes especiais, com o diagnóstico de deficientes mentais. Estas, já com vários anos de repetência, participavam de atividades em oficinas, como serralherias, marcenarias e outras. As desigualdades sociais, relacionadas a fatores socioeconômico e culturais já apareciam como elementos associados às crianças das classes especiais, na maioria eram pobres.

A partir de 1990, quando Priscila Lima já era docente universitária e atuava nas áreas de Educação Especial e Educação Inclusiva, a questão da formação de professores se configurou como fator primordial para as ações que visualizaram esse campo.

³ Priscila Augusta Lima, é professora adjunta de Psicologia da Educação e Fundamentos da Educação Inclusiva e Educação Especial nos Cursos de Licenciatura e Pedagogia da Faculdade de Educação da UFMG. Atua como docente em cursos de pós-graduação, presenciais e à distância. Coordena o GEINE-FAE-UFMG, Grupo de Estudos de Educação Inclusiva e Necessidades Especiais.

A Educação Especial do Estado de Minas Gerais tentou implantar uma nova política de Educação Especial, baseada no princípio justiça social - entendida como universalização da educação e democratização nas relações, visando ter menos excluídos as pessoas com deficiência. (LIMA, 2006, p. 19).

Constatou a autora que os altos índices de evasão e repetência nas escolas regulares, levavam esses alunos às classes especiais, considerando que eram imaturos. Deve-se esclarecer que, até então, essas crianças das classes especiais nunca passavam de um ano para o outro. Além do grande número de crianças nessas condições, e a demanda de novas classes especiais, as crianças eram consideradas incapazes de serem alfabetizadas.

Levando em consideração esse relato e a minha prática junto aos alunos especiais, cheguei à conclusão de que vários fatos devem ser reavaliados. Percebi que durante a minha vivência com classes especiais existiram alunos que não precisavam ter ocupado aqueles lugares pelo fato de não terem necessidades de uma classe especial. Os motivos pelos quais eram enviados para estas classes, se mostravam leves, de menor dificuldade de aprendizagem. Claro que alguns deles tinham um caso maior de deficiência, mas era muito pouco. A maioria das crianças estava ali por dificuldades de aprendizagem, déficit de atenção, problemas de comportamento, falta de integração com a professora de turma, fome, necessidade de material escolar. Tudo isso levava a criança à exclusão escolar. Eram visíveis as barreiras de preconceito que as crianças da classe especial enfrentavam todos os dias, pela própria comunidade escolar.

Em 1990, fui convidada para um curso de preparo, para trabalhar na área da deficiência mental e física. Assim sendo, me aprofundi ainda mais no assunto e acompanhei toda a transição das classes especiais até chegar a educação especial inclusiva dos dias atuais.

E então questiono: O que fazer com essas crianças? O sistema oficial de ensino reavaliou o contexto e propôs, a alfabetização nas classes especiais. Em 1980, abriram-se possibilidades para muitas crianças que nem sequer seriam estimuladas a escrever seu nome e nada mais. Hoje a legislação brasileira, a partir da lei nº 9.394 LDBEN/1996, determina que as crianças especiais sejam educadas em escolas comuns ainda que as condições sejam iguais de acesso e permanência na mesma.

1.2 Igualdade e Diversidade

Existem dois princípios básicos: o da identidade e o da diversidade. No que se refere a identidade, existem estudos sobre o conceito que parte da ideia de sistemas culturais. Estes estudos se baseiam em constatações em que a identidade não é mais fixa desde a modernidade, diferentemente de como era concebido anteriormente. Assim:

Nesta expectativa, a identidade é compreendida como culturalmente formada, um posicionamento e não uma essência, ligado a discussão das identidades culturais, nacionais e as que formam sentidos cambiantes e contínuos do cotidiano do sujeito. (HALL, 1996; MORESCO E RIBEIRO, p.169, 2015)

No âmbito da diversidade há vários sentidos, visto que o conceito pode ser abrangente. O termo em si indica a qualidade ou condição do que é diverso. O que pode significar diversidade de gênero, crenças, raças, opiniões, etc. A diversidade mostra nossas diferenças no aspecto físico, psicológico e cultural. No entanto, a essas diversidades soma-se a desigualdade social.

Em vista da educação, o termo abarca a questão da oportunidade do acesso do aluno a escola de maneira igualitária. Segundo Santos (2008):

Ao se abordar a questão das diferenças ou diversidades, não se remete somente às minorias ou às crianças com necessidades especiais. É muito mais amplo, pois todos nós seres humanos somos únicos, portanto diferentes uns dos outros. Tal fato trata-se de denominar como diversidade as diferentes condições étnicas e culturais, as desigualdades sócio econômicas, as relações discriminatórias e excludentes presentes em nossas escolas e que compõem os diversos grupos sociais. (SANTOS, p.14, 2008)

Desta forma podemos afirmar que todos somos iguais e ao mesmo tempo, diferentes em uma sociedade. Assim, um terceiro elemento poderia ser agregado: A inclusão.

Mas o que significa inclusão?

O dicionário Aurélio⁴ indica “ato ou efeito de incluir”. Estamos incluídos na sociedade pelo princípio da identidade, mas podemos ser excluídos pelo princípio

⁴ Dicionário Aurélio (<https://dicionariodoaurelio.com/inclusao>. Acesso em: 07 Out. 2017)

da diversidade. Aí reside uma contradição. Temos de discutir a inclusão, porque há uma sociedade excludente, que dicotomiza identidade e diversidade.

A igualdade corresponde a um princípio universal abstrato relativo ao ser humano - é o mesmo que “equidade, justiça; igualdade moral, relação dos indivíduos em virtude da qual todos eles são portadores dos mesmos direitos fundamentais que provêm da humanidade e definem a dignidade humana” (FERREIRA, 1986, p. 915; LIMA, 2006).

A diversidade mostra como somos diferentes no aspecto físico, psicológico e cultural. No entanto, a essas diversidades soma-se o sentido negativo para a maior parte da humanidade - a desigualdade social. Essa desigualdade, marcada por diferenças de classe, poder econômico e político, associa-se, na visão ingênua, às diversidades no aspecto físico, psicológico e cultural, levando a quebra do princípio universal da igualdade entre humanos.

A proposta de inclusão de todos como participantes da produção social, cultural e econômica tendo a arte como um dos recursos a utilizar pode enfatizar a igualdade concreta entre os sujeitos, com o reconhecimento salutar das diferenças no aspecto físico e cultural.

A diversidade não se opõe à igualdade. A desigualdade socialmente construída é que se opõe à igualdade, pois supõe que uns valem menos que outros. O enfrentamento e a superação dessa contradição são tarefas cotidianas em uma proposta de Educação Inclusiva.

Para Vygotsky (1995), os princípios do desenvolvimento humano são os mesmos de todos os sujeitos. Todo ser humano é educável. Todas as crianças devem ser educadas. A deficiência faz parte da subjetividade de muitas pessoas, que se constituem como sujeitos sociais, simultaneamente, na fragilidade e na força dessa condição e em suas possibilidades educativas (LIMA, 2006, p. 21).

Na sociedade capitalista, as contradições e as exigências de produção e de consumo incidem sobre os sujeitos e a constituição de sua subjetividade. A situação de pobreza extrema e fome, gera exclusão do acesso aos bens materiais e culturais socialmente produzidos.

Em minhas experiências profissionais na área de educação especial, constatei que a pobreza se apresentava como um dos maiores fatores para concretização da exclusão dos alunos. Muitas vezes, sabia-se que nem mesmo o

café da manhã tinham em casa e até mesmo, nem sabão para lavar suas roupas fazendo com que fossem para a escola da maneira que fosse possível. Ficavam isolados e poucos se aproximavam deles. A inclusão não existia, e como consequência de tudo isso, eram candidatos às classes especiais. Este fato incidia diretamente nas relações de repetência nas escolas, aumentando assim os índices de reprovação.

A partir deste relato posso afirmar que é importante que a instituição considere todas estas evidências e encontre formas de retirar estes alunos da exclusão atendendo às suas necessidades. Carvalho e Lima (2001; 2006, p. 46), refletiram sobre os índices alarmantes de exclusão no Brasil. Ainda no mesmo estudo, estiveram em destaque os altos níveis de reprovação atingidos pelas crianças pobres. Muitas delas foram rotuladas como alunos com dificuldades de aprendizagem e outras justificativas (LIMA, 2006, p. 22).

A autora ressaltou ainda a importância da proposta da Educação Inclusiva, no sentido de procurar formas para sair da exclusão, reconhecendo o direito a ser diferente, envolvendo a sociedade no atendimento às pessoas com deficiências. Acredito que a Arte enquanto manifestação cultural pode auxiliar neste sentido ao valorizar as expressões artísticas de todas as camadas sociais, quais sejam: o grafite, a capoeira, o carnaval, entre outros.

No mundo ocidental, a partir do século XX, desenvolveu-se substancialmente a área científica e tecnológica. Nesse contexto, surgiram novas reivindicações de grupos autorizados na sociedade - como pessoas com algum tipo de deficiência, reclamando participação social plena, inerente à condição de cidadania.

A necessidade de refletir uma escola inclusiva, manifestou-se em vários encontros internacionais, com participação desses grupos.

Entre os eventos, foram importantes:

- a) a Conferência Mundial de Educação para Todos, (1990) em Jomtien, Tailândia. Fizeram o compromisso de erradicar o analfabetismo, foram líderes de 100 países, até ano de 2000.
- b) a Conferência de Salamanca, realizada na Espanha em 1994, a qual gerou a Declaração de Salamanca.

A Declaração tem 85 artigos, cujo eixo é a conquista da cidadania integral, e propõe a inclusão das pessoas com necessidades especiais

no ensino comum e sua participação social e plena. Mais tarde um encontro Ibero- Americano resultou na Convenção da Guatemala, que aboliu toda forma de discriminação na sociedade "Decreto n. 3.956 de 8-10-2001" (LIMA, 2006, p.22-23)

Com a proposta de inclusão no Brasil, foram solicitados a organizar a sociedade e suas instituições para acolher a todos com sua diversidade, o que trouxe várias perspectivas para as escolas, professores, alunos e pais. No que diz respeito a integração e inclusão, quando se analisa seu sentido, é comum que se pense na integração como um processo de inclusão.

Sassaki (1998; LIMA 2006) considera a inclusão e a integração como formas de inserção social, mas mostra que são conceitos distintos.

No plano educacional, as escolas comuns e especiais precisam ser reestruturadas para atender a todo tipo de diversidade. Tanto a integração quanto a inclusão são formas de inserção social. Enquanto a primeira trata as deficiências como problema pessoal dos sujeitos e a manutenção das estruturas institucionais, a segunda considera as necessidades educacionais dos sujeitos como problema social e institucional. A inclusão exige medidas mais afirmativas para adequar a escola a todos os alunos, inclusive os que apresentam necessidades especiais.

Estamos incluídos na espécie humana. Somos todos iguais como seres humanos. No entanto, somos todos diferentes, cada um com suas particularidades, e aí reside a diversidade humana. Para acolher a diversidade, é preciso que todos os alunos tenham acesso em uma escola comum (MARCHESI, 2004 p. 22; LIMA, 2006, p 25).

Sassaki (1998) mostra que existem várias ações possíveis para implementar a inclusão. Tais ações devem ser simultâneas. Uma delas é o esclarecimento ao público em geral; aos alunos e familiares das escolas comuns e especiais, aos professores e às autoridades educacionais. O autor considera indispensável o treinamento dos atuais e futuros professores comuns e especiais. Esses treinamentos deverão focar os conceitos inclusivistas como autonomia, independência, equiparação de oportunidades, inclusão social, modelo social, da deficiência, rejeição zero e vida independente (Sassaki, 1998,p. 9; LIMA, 2006, p. 12).

Uma inquietação que surge na dinâmica do processo de inclusão, em vista da lei que determina a inclusão na escola, é que a norma passa a ser cumprida

na base da obediência. Nas condições que temos para realizar o processo da Inclusão Escolar, parece que nos falta a cultura do pertencimento como quesito para uma inclusão com afetividade social. Então a legislação avançada gera conflitos com professores assustados diante da realidade complexa que se apresenta à escola.

Pode-se afirmar que através dos discursos dos professores, sujeitos à pesquisa, que a investigação se constitui num espaço de escape, de desabafo, de poder falar sobre. Assim precisamos repensar os processos de ensino-aprendizagem e o papel do professor nos dias atuais.

Mesmo diante da garantia na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional antes de tudo, é necessário que os educadores se adequem a este novo processo, para que seja possível a elaboração de um trabalho educativo de qualidade e sem discriminação.

Porém, há professores que dizem que a prática da inclusão é positiva. A solidariedade e a aceitação são valores importantes na relação humana. O princípio fundamental é que a escola incentive essa grande inovação da educação e então, estará contribuindo para uma sociedade melhor, com justiça e igualdade.

Todavia, ocorre que alguns professores expressam a existência de problemas na inclusão destes alunos, apresentando dois tipos: os estruturais e os causados pelas peculiaridades dos alunos. Nas estruturas nos deparamos com escolas que não possuem salas de aulas adaptadas às necessidades especiais dos alunos, dependendo das necessidades físicas a escola se vê sem recursos para adaptar o espaço físico para melhor atender ao aluno especial. Já com as peculiaridades de cada jovem especial, encontramos nas escolas professores despreparados para atendê-los. A isso soma-se a falta de professores de apoio que acompanhem o desenvolvimento deste e auxiliem aos professores das turmas. Sendo que a escola se vê obrigada a aceitar os especiais diante das leis de inclusão, mesmo não estando preparada. Segundo Pacheco:

As frágeis e absurdas instituições do nosso tempo são reflexos de uma humanização precária e a instituição Escola, concebida como berço de oportunidades, ainda é “berço de desigualdades”. O espaço público da educação ultrapassou a exiguidade das paredes da sala de aula, mas muitos ainda não se aperceberam dessa mutação. (PACHECO, 1; GOMES, 2009)

Desta maneira surge a questão do pertencimento, que é um sentimento afetivo. O que acaba com que o aluno só esteja ali ocupando um lugar para que se cumpra a lei. Até mesmo o professor que não está bem preparado sente-se estressado e acaba não dando ao aluno a afetividade que ele tanto precisa. Assim, também Pacheco comenta:

A aceitação da diversidade exige o desenvolvimento de uma pedagogia diferenciada...É preciso (e urgente) agir ao nível das práticas pedagógicas das estruturas e organização das escolas. Se torna necessário pesquisa na área da Inclusão que, examine como os “alunos diferentes” vivem e agem dentro da organização escolar tradicional. Será preciso desconstruir prático para reconfigurar à medida da diferença, no pressuposto de que cada ser humano é único e irrepetível. (PACHECO, p. 11; GOMES, 2009)

Para o bem dos “desiguais” nem todas as escolas são iguais. Creio no potencial transformador dos seus professores e que a escola há de resgatar o seu papel de “Berço das oportunidades”.

1.3 A Educação Especial e Inclusiva no cenário brasileiro: Contextualização do problema.

Começo este item de forma delicada citando o poema da autoria de Manuel Bandeira. Eis a seguir:

Poética

Manuel Bandeira

Estou farto do lirismo comedido
do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todas os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquíptico
Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo

De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante
exemplar com cem moedas de cartas e as diferentes maneiras
de agradar às mulheres , etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbados
O lirismo dos clowns de Shakespeare

-Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

Discutir as questões da Educação Especial e da Educação Inclusiva no cenário brasileiro atual é tarefa complexa, mas necessária, tendo em mente várias fontes que o tema vem abrangendo nos contextos em que não é tratado. Antes de tudo, cabe mencionar a Educação Especial enquanto a modalidade escolar, oferecida pela rede de ensino, para alunos portadores de Necessidades Especiais Educacionais (LDB 9.394\96,V,art. 58).

Consideram-se alunos com necessidades especiais aqueles que manifestam comportamentos particulares que impeçam os encaminhamentos rotineiros das práticas pedagógicas em sala de aula. É necessário que o professor faça ajustes curriculares, sem os quais eles não conseguem aprender ao nível de suas capacidades.

São alunos que se diferenciam por seus ritmos de aprendizagem, mostram várias dificuldades e nenhum médico ou outro profissional técnico conseguiu identificar a causa orgânica ou relacionada às características como as síndromes, lesões neurológicas por falta do oxigênio pré, peri ou pós-natal.

Até agora, não foram utilizadas, qualquer uma das denominações utilizadas pela literatura especializada em Educação Especial anteriormente.

Temos desta forma: Deficiência MENTAL (DM), Deficiência Física (DF), Deficiência Auditiva (DA), Deficiência Visual (DV), Deficiências Múltiplas (DM), Superdotação (SD). Todavia não significa que elas caíram em desuso ou que sejam preconceituosas. Fonseca (1995) afirma que, do ponto de vista teórico, “a idéia fundamental da definição e classificação em Educação Especial deve ter em

consideração que se classifiquem em comportamentos e não crianças.”(FONSECA, 1995, p. 26; DELOU, 2008, p. 17).

Outro motivo pelo qual aquelas denominações não foram aceitas, é o fato delas não serem suficientes para expressar toda amplitude do aluno da Educação Especial. Com a nova denominação “Necessidades Educacionais Especiais”, pretendeu-se abarcar um grupo de características comportamentais como transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, diferentes quadros neuróticos e psicóticos, autismo, quadros de dificuldades com disgrafia, dislexia, discalculia, que formam grandes grupos de fracasso escolar. Dessa maneira há que se tomar cuidado para que não se continue a reproduzir, que é a produção de conhecimento que por trás retrata a exclusão e a fragmentação da formação, por atribuir significado de deficiência à expressão “Necessidades Educacionais Especiais” que é muito ampla, por mostrar a diversidade do alunado da Educação Especial (DELOU, 2008, p. 16).

Atualmente a Educação Especial é oferecida na rede regular de ensino. Antes isso não acontecia. A partir de 1988, foi estabelecido que o Estado tinha o dever com a educação, de garantir que o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência na rede de ensino (Constituição Federal, art. 8º, III).

1.4 Os Movimentos de Educação Inclusiva

O que deu início a Educação Inclusiva foram os movimentos que surgiram diante de ações que se desenvolveram na época. A Educação Inclusiva que vem sendo divulgada por meio da Educação Especial teve origem nos Estados Unidos, pela Lei Pública 94.142 de 1975, resultado dos movimentos sociais dos pais que reivindicavam escola especial de qualidade a seus filhos (STANBACK, 1999; DELOU. p. 21).

Além disso, realizou-se em 1994, na cidade de Barcelona, Espanha, a Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais. Suas conclusões foram registradas na Declaração de Salamanca com o enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais e as diretrizes para esta ação a nível nacional.

No Brasil muito se discute quanto a lógica de implantação da Educação Inclusiva no Ensino Público e particular, uma diversidade social contraditória que mostra desinformação, preconceitos e a produção de novos tipos de exclusão. (Brasil, 1994, p, 15; DELOU p. 22).

A Educação Inclusiva é uma prática inovadora que está enfatizando a qualidade de ensino para todos, exigindo que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas pedagógicas. É um novo paradigma que desafia o ensino brasileiro. São barreiras que devem ser vencidas por todos. Precisamos aprender mais sobre diversidade humana, a fim de compreender os diferentes modos de cada ser humano ser, sentir, agir e pensar.

A legislação é explícita quanto a obrigação das escolas de acolher a todos as crianças que se apresentam para matrícula. Por outro lado, é importante que esse acolhimento não seja meramente formal e que o aluno com deficiência tenha condições efetivas de realizar integralmente suas potencialidades. Essa realização exige envolvimento e participação de toda a comunidade escolar; para isso, é necessário prover as escolas de estrutura física e, ainda, de equipamentos demandados pelos alunos com necessidades educativas. Essa tarefa cabe às administrações dos sistemas escolares em todos os níveis.

Já é observado no Brasil, alguns exemplos de inclusão, não somente focados no âmbito escolar, mas na vida social do deficiente, como práticas inclusivas na área do esporte, no mercado de trabalho, como no esclarecimento diante de deficiências na sociedade por meio de filmes que retratam o dia a dia das pessoas especiais. Como exemplos, no âmbito do esporte, pessoas com diversas deficiências, sejam elas adquiridas por doenças ou por acidentes, estão tendo oportunidades de mostrar seus talentos, tendo alguns deles conseguido grandes e importantes vitórias. Já no mercado de trabalho existem os chefes especiais, pessoas com síndrome de Down, que estão sendo aceitos para trabalhar em alguns cafés em São Paulo; surdos em Aracaju, estão sendo empregados em sorveterias⁵; e ainda outro exemplo é a jovem deficiente física, bastante prejudicada pela paralisia, que atacou seus membros inferiores. Fui atendida por ela no mês de setembro de 2017, a jovem era funcionária e estava

⁵ Exemplos citados no Programa Encontro, com Fátima Bernardes, do dia 11/07/2017, na TV GLOBO-Brasil.

trabalhando no atendimento ao público nos balcões da Caixa Econômica Federal em Pelotas-RS.

Partindo destes fatos podemos entender que a inclusão é necessária e, que vem para mudar a sociedade, dando às pessoas especiais uma vida mais útil dentro da própria sociedade.

2. Como recursos didáticos são utilizados quando a escola nem sequer tem a infraestrutura adequada?

Os recursos didáticos são ferramentas utilizadas pelos professores para facilitar o processo de ensino aprendizagem podendo ser os mais simples como o pincel, apagador e giz. A teoria da comunicação os define como canal através do qual se transmitem as atividades docentes. São o material das mensagens no contexto de sala de aula sendo que qualquer objeto pode ser um recurso, desde que estabeleça uma relação de interação recíproca com aluno na construção do conhecimento.

A capacidade que os recursos têm de despertar e estimular os mecanismos sensoriais, principalmente audiovisuais, faz com que o aluno desenvolva sua capacidade criativa. Os recursos didáticos tem a função de aumentar o alcance das mensagens, assimilar melhor o conhecimento. Quanto maior a diversidade de recursos, melhor será a aprendizagem e a compreensão, principalmente se formos pensar na diversidade de recursos que a tecnologia disponibiliza.

A escola pública muitas vezes é deficitária em vários aspectos e sabemos que elas apresentam algumas limitações quando o assunto é recurso, mas precisamos utilizar tudo que temos à nossa disposição para criarmos ambientes favoráveis, utilizando o que é disponível de forma eficaz e prazerosa, porque eles podem contribuir para o desenvolvimento do aluno.

Trabalhei em algumas escolas públicas, e como sabemos dificilmente tinha os recursos para desenvolver atividades artísticas. Mas havia sempre expectativa de realização das atividades, mesmo com dificuldades. Como exemplo, menciono aqui abaixo, algumas das atividades, e seus objetivos, que trabalhei com os alunos.

Colagem de papel rasgado; colagem livre com recorte de revistas e outros; pintura guache sobre sobre folha de papel; desenho com lixa (lápis de cera e lixa); massa de modelar; sucata: latas de leite em pó (transformar em objetos, tipo material para brincadeiras) pés de lata para andar; lata de leite em pó, (transformar em instrumento musical de percussão) utilizados para acompanhamento musical; garrafas pet (transformar em objeto decorativo (colagem com bolinhas de papel crepom); televisão sem uso (livrar-se da tela e usá-la para o fim de apresentação de artes: cantar, e fazer teatro) e a música (cantar, dançar, brincar).

Em cada trabalho artístico é percebido uma certa tendência, um estilo pessoal marcado. Através das atividades de arte, sempre concluía, um resultado final positivo. Os alunos com necessidades especiais eram capazes de realizar e concluir seus trabalhos com sucesso. As atividades realizadas sempre tinham o objetivo de desenvolver a coordenação motora fina e ampla; discriminação visual e auditiva; ampliar a noção das cores; equilíbrio; formar e transformar; realizar; crescer a auto estima, concluir suas atividades com sucesso; interagir em grupo.

Na escola Ulisses Rodrigues na cidade de Santo Ângelo, em 1992, escola em que ministrava aula, realizei uma atividade artística com pneus velhos, uma alternativa que encontrei para o pouco recurso que tinha na escola.

Com o objetivo de obter dos alunos envolvidos a noção de tintas e cores com sua experimentação, manuseio de pincéis, coordenação motora fina, transformação e construção de objetos e trabalho em grupo, ocorreu de forma positiva.

A atividade iniciava-se com a procura de pneus na escola e em seu entorno. Lavava-se e secava-se os pneus recolhidos e utilizava-se na atividade por meio da pintura do objeto. Cada aluno pintava de acordo com sua ideia.

Além da atividade ter sido realizada com sucesso, os pneus foram utilizados em outras disciplinas como a Educação física, o que proporcionou a outros alunos da escola a interação e brincadeiras com o objeto. De forma positiva esta atividade trouxe aos envolvidos sua valorização e autoestima, bem como a extensão a própria escola.

3. Como a arte pode contribuir para o desenvolvimento das crianças especiais na educação formal?

Desde os tempos remotos o homem já deixava sua marca na parede e tetos das cavernas, fazendo assim, o registro de sua história no mundo. No Brasil, por exemplo, com a presença dos Jesuítas em 1549, iniciou-se o ensino de arte na educação brasileira onde o objetivo era caracterizar os povos da chamada 'terra nova', que iniciou-se oficialmente em 1816 com a chegada da Missão Artística Francesa (Silva Araújo, 2007)

Podemos perceber com estes exemplos que, a arte foi e é utilizada como uma forma essencial para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, destaca-se sua utilização na educação especial como técnica e potencial criador estimulante, onde portadores de necessidades especiais podem utilizá-la como ferramenta de prazer e satisfação.

A partir disso, neste capítulo são abordados os relatos e observações realizadas durante a investigação ocorrida em 2017, das atividades em sala de aula, a partir de visitas em três escolas, quais sejam: uma municipal, uma estadual e uma especializada no trato com crianças especiais. Todas elas localizam-se no município de Pelotas-RS.

A seguir são apresentados os dados obtidos.

3.1 Escola A

Trata-se de uma instituição de ensino municipal com 112 anos de trabalho. A Escola A conta com 270 professores e aproximadamente 3.100 alunos, que em sua maioria são de classe baixa. Se localiza na área central do município de Pelotas.

A primeira turma analisada (turma 1) tem aproximadamente 30 alunos. Três alunos especiais estão acompanhando normalmente a aula convencional. Apresentam dificuldade de aprendizagem principalmente na leitura e na escrita. Estes alunos têm acompanhamento de 40 minutos com outra professora especializada na sala de recursos. Apresentam problemas na área cognitiva e hiperatividade.

A escola trabalha com alunos de todas as idades tendo esses vários tipos de deficiências. A Educação Especial Inclusiva oferece professor tradutor,

professor auxiliar, reuniões semanais com foco no aluno deficiente. O CAPTA⁶ oferece formação gratuita para professores e acadêmicos que tenham interesse no tema.

Existem problemas ainda a serem resolvidos, mas percebe-se que o corpo técnico permanece buscando soluções, visto que há um grupo de professores ainda resistentes a educação inclusiva. Faltam profissionais preparados para que haja um trabalho mais adequado pois, as turmas são muito numerosas, ficando difícil o trabalho. Acredita-se também necessário um encontro mais sistematizado com a equipe gestora. Todos concordaram que a arte é uma das formas mais eficientes para a evolução do aluno especial pois desenvolve sua sensibilidade, assimilam conteúdos com maior facilidade além de possibilitar a interação social.

O aluno surdo pode estudar nesta escola, no Curso de ensino médio, onde já estudam outros alunos surdos. O educandário oferece o Curso do Magistério com preparo para o aluno especial, inclusive com professor intérprete.

Em relação às professoras da classe, essas declararam que existem alguns problemas que dificultam a inclusão. No que se refere aos problemas detectados pontuou-se:

- a) Que existem muitos professores resistentes à educação inclusiva;
- b) A falta de preparo profissional;
- c) Esclarecimento de como fazer um trabalho mais adequado com os alunos especiais;
- d) Que, quando houverem alunos especiais na sala, dever-se-á diminuir o tamanho da turma;
- e) Que a arte, sendo a área que desenvolve o aluno especial em todos os campos é pouco trabalhada na área cognitiva pedagógica;
- g) E que é necessário conversar com a equipe gestora, sempre que for possível solucionar problemas relacionados à educação especial inclusiva.

Constatei ainda que, além de não apresentarem um preparo pedagógico mais qualificado na educação especial inclusiva, a turma é muito grande, fato este, que exige ainda mais do professor, o qual não consegue desenvolver seu planejamento de forma adequada. E, assim sendo, a turma toda fica prejudicada.

⁶ CAPTA - Centro de Apoio, Pesquisa e Tecnologias para a Aprendizagem. Em 2005, respeitando o disposto no Plano Nacional de Educação, foi criada a equipe de Educação Especial que, através do Centro de Apoio, Pesquisa e Tecnologia para a Aprendizagem – CAPTA, faz o encaminhamento dos alunos com deficiência às salas de recursos, assessora professores e equipes diretivas e se responsabiliza pela formação continuada nesta modalidade'.Este órgão oferece cursos de formação continuada para professores da rede municipal. <<http://cmepelotas.blogspot.com.br/2012/10/resolucao-n-012012cmepel.html>>Acesso em 12 de fev. 2018)

É importante ainda salientar que no dia da visita para a professora auxiliar, ela não se encontrava na sala de aula. Verificou-se também que a titular, utilizava-se muito pouco da disciplina de artes como um viabilizador da evolução do ensino aprendizagem.

Já na segunda turma verificou-se que foi utilizada diretamente a Sala de Recursos. Havia uma aluna com Síndrome de Down, com mais de 20 anos de idade. Apurou-se que ela comunicava-se bem e escrevia textos coerentes. Na aula, a aluna executou uma tarefa de artes visuais (Figura 12), onde a professora propôs a ela uma pintura em tela com guache. A aluna criou um desenho e pintou. Ela estava se preparando para o vestibular, segundo informações repassadas pela aluna e sua mestre.



Figura 12. Sala de Recursos. Pintura em Tela. 2017 (A)

Fonte: Maria Elisa Maurente



Figura 13. Sala de Recurso. Pintura em tela. 2017 (B)

Fonte: Maria Elisa Maurenre



Figura 14. Sala de Recursos. Pintura em tela. 2017 ©

Fonte: Maria Elisa Maurenre

3.2 Escola B

A escola B é referência na cidade de Pelotas no ensino especial. Ela presta assistência especializada, através de atendimento educacional à crianças, jovens e adultos portadores de deficiência mental, associada ou não à deficiência física. É de maioria de classe média, sendo uma escola de atendimento público e privado. Com mais de 50 anos de atividade, localiza-se no bairro Tres Vendas, na área norte da cidade. A escola conta com o atendimento educacional, educação profissional, clínico-terapêutico, estimulação precoce, habilitação e reabilitação, fonoaudiologia, psicologia, medicina, odontologia, serviço social, fisioterapia, psicomotricidade por meio do atendimento em meio turno e atende pessoas de zero a cinqüenta anos.

A primeira turma investigada tinha aproximadamente quinze alunos. Todos apresentavam deficiências na área mental, leves e severas. Durante a observação a professora distribuiu vários instrumentos musicais entre eles e por meio do canto de músicas já conhecidas deles, a professora desenvolveu a atividade com o intuito de fazer com que eles pudessem desenvolver a audição, a atenção e movimento do aluno na ação. Percebeu-se que a educadora fez uso da criatividade para desenvolver mecanismos que ajudassem na evolução dos alunos. Foi possível verificar que ela planejou e realizou as atividades pedagógicas a partir dos limites de cada um.

O instrumento que estava à frente de tudo era o tambor. Ele era quem dava o sinal a ser seguido, além de trazer alegria a toda turma. Sabe-se que através da música, os alunos desenvolvem a motricidade fina e ampla, também a linguagem. Segundo Carvalho e Lima:

A música é um recurso didático na sala de aula e possibilita diversas atividades para se trabalhar com os pequenos. Desta forma, ela se torna uma atividade indispensável no processo de desenvolvimento da criança, a música pode auxiliar no seu desenvolvimento cognitivo e, por isso, deve ser valorizada na escola a fim de potencializar a imaginação, a linguagem, a atenção, a memória e outras habilidades, além de contribuir de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Gordon (2000) enfatiza que por intermédio da música, as crianças passam a se conhecer melhor e também aos outros. A música torna capaz o desenvolvimento da imaginação e da criatividade audaz (CARVALHO E LIMA, 3, 2015).

Notou-se também que havia entre eles um sentimento de mútua ajuda, criando um clima humanizado e de amizade. Os colegas com melhores condições físicas e mentais preocupavam-se em ajudar os mais prejudicados.

Observei que os alunos da professora R, são crianças com deficiências múltiplas, muito prejudicados mental e fisicamente. Mesmo assim, interagiram com a música e demonstravam satisfação e contentamento. Entre professor e aluno, senti uma completa interação. Como explica Terezinha Tarcitano (2012):

A interação deve ser estabelecida pelo professor, promovendo, de início, um laço empático. Se ele consegue atrair a atenção do aluno, com certeza este se mostrará receptivo às explicações e ao material didático. O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula. O prazer pelo aprender não surge espontaneamente nos alunos, pois muitos associam a tarefa com obrigação. Logo, a afinidade deve estar em primeiro plano entre o mestre e o aluno (TARCITANO, p.1, 2012).

Ainda podemos afirmar que a arte também é importante nesta relação de aluno professor, como explica Rutz:

A arte se mostra importante tanto no currículo como na vida, pois resgata e trabalha no afloramento e qualificação da sensibilidade no ser humano, sendo assim uma condutora da humanização do mesmo, e isso pode ser constatado principalmente no viés da Educação Inclusiva. (RUTZ, 2010, p. 8; TAVARES, 2012)

No que se refere a segunda turma observada, a mesma era composta de quinze alunos, todos com deficiências múltiplas. No início da observação a professora começou os trabalhos juntamente com os alunos, todos sentados à volta de uma mesa grande, estrategicamente arrumados, percebidos alguns, notadamente mais independentes na realização das atividades enquanto outros, com mais dificuldades colocados mais perto da professora. Os objetivos a serem desenvolvidos nesta atividade foram: desenvolver a atenção, a discriminação visual, a motricidade fina, a discriminação das cores, assim como o companheirismo, a disciplina e a criatividade, como mostra a Figura 15.



Figura 15. Turma 2, aula de artes, 2017

Fonte: Jussara Gutierres

Lentamente, com suas deficiências e limitações, desenvolveram os seus trabalhos artísticos. No ato da observação (Figura 15), a atividade proposta era a decoração de uma garrafa, eles deveriam executar uma decoupage⁷ (Figuras 16, 17 e 18) até o final da aula. A educadora demonstrou como desenvolver essa tarefa auxiliando individualmente aos alunos.

⁷ Decoupage é a técnica de colagem em que consiste em colar papel sobre a superfície do objeto a ser utilizado.



Figura 16. Turma 2, decoupage, 2017 (A)

Fonte: Maria Elisa Maurenre

Alguns demonstraram maior evolução em termos de habilidades, sendo este o critério para que fossem escolhidos para serem monitores da sala. A função deles era, em suma, organizar os colegas. Na Figura 18 pode-se perceber que, com ajuda da professora, iniciou-se a composição da decoupage, com a inserção da cola no objeto a ser utilizado. O resultado final do processo, resultou em garrafas coloridas de acordo com a sensibilidade e criatividade de cada aluno, como exemplo as garrafas apresentadas na Figura 19.

Observei que a professora colocou uma aluna com poucos prejuízos mentais e físicos, como monitora durante os trabalhos. O resultado foi que a aluna soube se sair muito bem auxiliando os colegas. Isso promoveu um bom relacionamento dela com os colegas além de aumentar sua autoestima.



Figura 17. Turma 2, decoupage, 2017 (B)

Fonte: Maria Elisa Maurente



Figura 18. Turma 2, decoupage, 2017 ©

Fonte: Maria Elisa Maurente



Figura 19. Turma 2, decoupage, objetos prontos, 2017

Fonte: Maria Elisa Maurenre

3.3 Escola C

A Escola C também pertence a rede municipal de ensino (mesma rede da escola A) com diferencial em termos do número de alunos, ou seja, atualmente é composta por 707 alunos, em sua maioria de classe média baixa, e 79 professores. Localiza-se na região central do município de Pelotas.

A turma observada era composta por catorze alunos ditos “normais” e um aluno especial autista (Figura 20). A educadora começou a aula pedindo que cada um falasse sobre o seu final de semana. Todos fizeram seu comentário, inclusive o menino autista. A educadora trabalhou com vários tipos de atividades, e o aluno autista participou de todas.

O aluno autista também frequentava a sala de recursos, como apresentado nas figuras 20, 21, 23 e 24, onde participava de atividades como computação e de desenvolvimento da área motora ampla.



Figura 20. Turma 1, computação, 2017 (A)

Fonte: Maria Elisa Maurenre



Figura 21. Turma 1, computação, 2017 (B)

Fonte: Maria Elisa Maurenre

Foi observado que ele era, mais lento e bem mais silencioso que os demais. A turma era bem ativa, mas ele pouco interagiu com os colegas, embora fosse bastante auxiliado pelos outros e pela educadora. Verificou-se que sua socialização estava sendo notável, o que é essencial para o sucesso da educação inclusiva.

Notou-se pelo seu relacionamento social com os colegas, onde todos contribuem. Desta forma acredita-se que será possível a ele avançar e desenvolver-se dentro da área pedagógica, evoluindo na aprendizagem.

Na proposta de trabalho, oferecida nas atividades de arte, o aluno exterioriza seus sentimentos, representando-os em seus desenhos. A turma toda era solidária (Figura 22) e ele realmente estava incluído entre os seus. Todavia fui informada pela docente que a turma não tem conhecimento de que há um autista entre eles.



Figura 22. Turma 1, socialização na aula de computação, 2017

Fonte: Maria Elisa Maurenente

Além do que foi observado e analisado obtive a informação de que a escola mantém uma sala de recursos sob a responsabilidade de uma educadora que trabalha com alunos com necessidades especiais, desenvolvendo a área cognitiva e emocional. Vários horários são disponíveis aos alunos, que não são poucos.

Houve a certificação de que haviam ainda no Educandário tantos outros autistas com mais idade, maior comprometimento e relacionamento difícil. Alunos com Síndrome de Down estavam na inclusão desta escola, todos eles com muito prejuízo em várias áreas. Notou-se ainda que alguns tinham interesses em jogos, principalmente futebol.

A escola trabalha com a Educação Inclusiva, mantém a média de trinta alunos especiais e conta com a sala de recursos, como mostra a figura 23.

Por fim, não foi verificada a realização de atividades pedagógicas em sala de aula que contemplem a disciplina de artes.



Figura 23. Turma 1, Sala de Computação, 2017 (A)

Fonte: Maria Elisa Maurenre



Figura 24. Turma 1, Sala de Computação, 2017 (B)

Fonte: Maria Elisa Maurenre

Durante a visita às salas de aula foi possível constatar que, realmente, as escolas têm e mantêm as salas de recursos muito bem equipadas para receber alunos com necessidades especiais. Em todas elas constatou-se que os professores que recebem estes alunos, são especialistas preparados e que no campo da educação inclusiva têm de um bom nível de conhecimento de causa. Porém, o que deve ser salientado na observação foi o sentimento de pertencimento do aluno, àquela turma, tanto pelos colegas como pela professora.

Observou-se que os alunos não trabalharam conteúdos de artes, porém todos possuíam uma grande variedade de materiais. Assim acreditou-se que, talvez, a rotina das artes acontecesse em outro dia da semana que não aquele da observação.

Salienta-se também que, nesta investigação, foram visitadas e observadas duas turmas de alunos com deficiências mentais múltiplas de uma Escola Especial. Similarmente, duas escolas com crianças de segunda série inclusiva

foram analisadas. Uma das escolas, com dois autistas alfabetizados. Em outra, de maior porte, observou-se uma segunda série com três crianças na educação inclusiva, um aluno com hiperatividade, outro com déficit de atenção e o último com dificuldades de aprendizagem.

Em vista disto, com as experiências presenciadas nas escolas, concluiu-se que um dos pontos relevantes é que a sala de recurso proporciona o suporte para estes educandos, permitindo um maior desenvolvimento cognitivo e, na escola especial, não havia a presença de alunos ditos “normais”. Assim sendo talvez não se possa afirmar que exista inclusão na escola especializada no sentido que, nesta, somente alunos especiais interagem com outros especiais, o que não acontece em uma escola pública onde há mesclagem de alunos normais com especiais.

Também notou-se que na escola especial, onde os educandos tem prejuízo mental e físico, estes estão sendo beneficiados com uma infraestrutura mais completa.

4. Deficiências intelectuais e suas características:

4.1 Síndrome de Down

As características da criança Down estão algumas aos nossos olhos. São elas: pouca firmeza no pescoço (hipotonia) “ carinha “ redonda, olhos puxados (pálpebras oblíquas) nariz achatado, língua grande, pescoço curto orelhas e mãos pequenas, clinotíla do quinto dedo, pés com sulco profundo na sola, presença de uma linha única que atravessa a palma da mão, dedo grande do pé separado, sopro no coração, baixa estatura e reflexos diminuídos.

A experiência do médico é que concluirá com segurança que se trata de síndrome de Down. Se houver dúvida, o médico pode solicitar um exame chamado cariótipo, que consiste no exame das células do sangue da criança, onde detecta com certeza absoluta a presença do cromossomo que está a mais.(GARCIAS e ROTH, 2004, p. 16).

Foi descrita pela primeira vez pelo médico Langdon Down, em uma revista londrina em 1886, com o título de “Observations on Ethnic classification of idiots,” uma doença que para ele tratava-se de um tipo ético de idiotas (idiotia é a forma como se dominava deficiência mental até o século passado) a qual era descrita como se segue:

Trata-se de um representante da raça mongólica. Quando se colocam lado a lado, é difícil crer que não se trata de filhos dos mesmos pais. O cabelo não é negro como o dos verdadeiros mongóis, mas de cor castanha, liso e escasso. A face é plana, alargada e desprovida de proeminências. As bochechas são redondas e estendidas lateralmente. Os olhos estão situados obliquamente e as comissuras internas dos mesmos distam entre si mais que o normal. A fenda palpebral é muito estreita (...) os lábios são grandes, grossos e com pregas transversais. A língua é comprida, grossa e rugosa. O nariz é pequeno. A pele tem uma tonalidade amarelada e sua elasticidade é escassa... Como podemos ver Langdon Down não foi muito feliz ao descrever essa síndrome, pois ele importou-se apenas com as características externas, o que demonstra o pensamento médico de sua época preocupado apenas quase com sinais e sintomas; o seu mérito está em ser a primeira pessoa a se deter dessa síndrome. (DOWN, 1866; LIMA, 2004, p. 21).

Em genética a síndrome significa um conjunto de sinais e sintomas que são determinados por um gene, um cromossomo. No caso da síndrome de Down, o fator responsável por todas as características do indivíduo, é a presença do cromossomo 21 a mais.

Cromossomos são estruturas celulares que se encontram dentro da célula do corpo humano e são responsáveis pela transmissão das características hereditárias dos pais para os filhos. Na espécie humana existem no interior de cada célula, 46 cromossomos, 23 provenientes do pai e 23 provenientes da mãe. Nos estudos dos cromossomos são classificados e numerados em 23 pares. Eventualmente, um dos pais ao invés de contribuir com um espermatozóide ou óvulo com 23 cromossomos, participa com uma célula com 24 cromossomos. Se este cromossomo pertencer ao par 21, a criança será portadora da síndrome de Down.

Essa síndrome, ocorre de um acidente genético, durante a divisão das células, o qual pode ocorrer com qualquer pessoa, independente de raça ou condição econômica. Outros fatos que ocorrem na gravidez, como sustos, emoções fortes, quedas, são responsáveis pela síndrome. A causa dessa divisão é anormal, e por acaso, nenhum pai é culpado por suas células não terem se dividido corretamente. A criança com síndrome de Down, apresenta 47 cromossomos em suas células, que causa o quadro clínico apresentado.

Raramente, a divisão errônea pode se dar quando a criança está em desenvolvimento no útero da mãe. Neste caso disse que se trata de um Mosaico (mistura) pois a criança terá parte de suas células com 46 cromossomos e parte com 47. Em situação de Mosaico, a doença se manifesta em menor intensidade ou não.

Estimulação nos primeiros meses e fisioterapia são necessários para que o bebê tenha um desenvolvimento satisfatório. A criança com síndrome de Down, é igual a qualquer criança, mas para um maior desenvolvimento motor, é necessário que ela seja estimulada.

A maioria das crianças portadoras dessa síndrome podem ser independentes em cuidados próprios e desde que ensinados podem ajudar nos trabalhos domésticos, pois é muito importante que se sintam úteis. (GARCIAS e ROTH, 2004).

Muitos pais não entendem como uma criança, que não aparenta ter doença alguma, recebe o diagnóstico que seu filho é uma criança especial. Os pediatras são treinados a ter um olhar diferente do olhar dos pais. O médico tem a obrigação de examinar o recém nascido em busca de qualquer anormalidade. Muitos desses

casais permanecem culpando o outro por muitos anos de suas vidas. Quem convive com as famílias nesta situação fica admirado com sua garra e suas vitórias. (GARCIAS; ROTH, 2004, p. 32).

4.2 Autismo:

As características essenciais do transtorno do espectro autista são prejuízo na comunicação e interação social, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades que mostram uma gama de manifestações de acordo com a idade e sua capacidade.

Segundo Gadia:

Atualmente, sabe-se que o transtorno do espectro autista (TEA) não é uma doença única, mas sim, um distúrbio de desenvolvimento complexo, que é definido de um ponto de vista comportamental, que apresenta etiologias múltiplas e que se caracteriza por graus variados de gravidades. (GADIA, p. 440; ROTTA, 2016)

Ainda segundo Nascimento:

Manifestações do transtorno também variam muito dependendo da gravidade da condição autista, do nível de desenvolvimento e da idade cronológica; daí o uso do termo espectro. O transtorno do espectro autista engloba transtornos antes chamados de autismo infantil precoce, autismo infantil, autismo de Kanner, autismo de alto funcionamento, autismo atípico, transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação, transtorno desintegrativo da infância e transtorno de Asperger. (NASCIMENTO, 2014, p.53)

Alguns comportamentos estereotipados mais evidente temos:

- Estereotipias motoras simples como abanar as mãos, estalar os dedos,
- Uso repetitivo de objetos como girar moedas, enfileirar objetos,
- Fala repetitiva como repetição atrasada,
- Uso de palavras ouvidas ou uso estereotipado de palavras e frases.

Ainda percebemos resistência do indivíduo a mudanças por meio de adesão a rotinas ou de rituais como por exemplo, percorrer um perímetro.

Alguns dos sintomas estão presentes desde o início da infância e trazem a limitação do funcionamento diário do indivíduo e irá variar de acordo com suas características e seu ambiente.

No âmbito da linguagem os déficits variam de ausência total da fala, passando por atrasos na linguagem, compreensão reduzida da fala, fala em eco, até a linguagem explicitamente literal ou afetada.

Crianças podem apresentar pequena ou nenhuma capacidade de iniciar interações sociais e de compartilhar emoções, além de imitação reduzida ou ausente do comportamento de outros. Segundo Nascimento, com os adultos:

Adultos que desenvolveram estratégias compensatórias para alguns desafios sociais ainda enfrentam dificuldades em situações novas ou sem apoio, sofrendo com o esforço e a ansiedade para, de forma consciente, calcular o que é socialmente intuitivo para a maioria dos indivíduos.(NASCIMENTO, 2014, p. 53)

Além de tudo isso ainda em adolescentes e adultos com transtorno do espectro autista, podem desenvolver outros sintomas como a ansiedade e depressão.

4.3 Síndrome de West

É uma doença rara caracterizada por crises epilépticas frequentes, sendo mais comum em meninos e inicia-se durante o primeiro ano de vida. Seu nome é uma homenagem ao Dr. W J West, que fez a primeira descrição da condição em 1841.Os principais sintomas são espasmos musculares em crises às vezes frequentes, que se iniciam de forma súbita, no tronco e/ou nos membros. As contrações são rápidas e sua intensidade pode variar de um movimento sutil da cabeça até uma contração poderosa de todo o corpo. Somente um pequeno número de crianças com a síndrome de West tem um desenvolvimento cognitivo normal sendo o retardo mental e as alterações psíquicas comuns em mais de 70% dos pacientes. Segundo Carvalho:

O quadro clínico é caracterizado pelos espasmos infantis e pelo atraso no desenvolvimento, sendo que cada criança pode apresentar um tipo diferente de espasmo, podendo ser tão leves que cheguem a não ser notados ou a serem confundidos com cólicas, ou até apresentarem características de flexão súbita da cabeça, com afastamento dos membros

superiores e flexão da pernas, com possível emissão de um grito pelo paciente. Normalmente, a crise de espasmos dura alguns segundos e ocorrem durante a vigília, podendo chegar até a centena ou mais por dia. O retardo mental é outra manifestação importante, mas que pode ser evitada pelo tratamento precoce. (CARVALHO IN: <https://pediatriaufcspa.wixsite.com/pediatria/sndrome-de-west>)

Os espasmos podem ser controlados por medicamentos ou por cirurgia.

4.4 Microcefalia

Normalmente a microcefalia é diagnosticada quando o tamanho da cabeça da criança com um ano e três meses é menor que 42 centímetros. Todas as alterações podem acontecer porque o cérebro precisa de espaço para se desenvolver mas o crânio não permite. Desta forma suas funções ficam comprometidas afetando assim o corpo inteiro. A microcefalia pode ser causada por uma série de problemas genéticos e ambientais infecciosos, como desnutrição, substâncias tóxicas, rubéola, malformação do sistema nervoso central e falta de oxigenação para o cérebro.

A criança com microcefalia pode precisar de cuidados por toda vida, mas isso só é confirmado depois do primeiro ano de vida e apesar de não haver tratamento específico para a doença devem ser tomadas algumas medidas para reduzir o seus sintomas. Normalmente a criança precisa de fisioterapia para desenvolver-se melhor, para prevenir complicações respiratórias e até úlceras que surgem por ficarem muito tempo sentadas e acamadas.

Atualmente se descobriu que a Microcefalia foi associada ao mosquito *Aedes Aegypti*, onde gestantes picadas pelo mosquito foram contaminadas com o Zika Vírus no início da gravidez, em que por meio deste vírus, os bebês desenvolveram a Microcefalia. Muitas das mães, nem percebiam que foram contaminadas, pois os sintomas se mostravam leves, como pequenas manchas vermelhas pelo corpo que coçam e passam em alguns dias. O vírus entra no sangue e passa pela placenta, chegando ao bebê que está se formando, e atacando o sistema nervoso central do bebê, causando uma lesão. Essa lesão é o que não deixa o cérebro do bebê crescer normalmente, assim ele nasce com a cabeça menor que 32 cm, e isso é considerado microcefalia.

4.5 Paralisia Cerebral

No entendimento dos processos da aprendizagem, o diagnóstico pode ser empregado como um meio efetivo de prevenção para a criança que apresenta problemas físico, sensorial, psicológico, social, escolar ou ainda em razão da maior ou menor interação desses vários fatores. A criança com lesão cerebral, ocorrida em estágios precoces de seu desenvolvimento, torna-se em evidência às diversidades que prejudicam no dinâmico amadurecimento do sistema nervoso, condições essas, importantes no processamento de informações ligadas à aprendizagem especialmente nos problemas mais elaborados da mente humana, que é a capacidade de ler e escrever.

A palavra paralisia cerebral (PC) tem sido empregada em um grupo heterogêneo de condições clínicas, tendo como características dificuldades motoras, diferenças posturais permanentes, de etiologia não progressivas, que ocorrem no cérebro imaturo, associado ou não às alterações cognitivas. (CIASCA, p. 427; ROTTA, 2016).

Em Esparta (Grécia Antiga), crianças com deficiências físicas e mentais eram consideradas subumanas, o que legitimava ao abandono total, uma prática coerente com os ideais impostos na época, que eram os atléticos, que serviam de base àquela organização sócio cultural.

A primeira descrição dessa encefalopatia com características de rigidez muscular nos membros inferiores foi apresentada por William John Little, em 1843, sendo a expressão introduzida por Sigmund Freud. O sofrimento perinatal, juntamente com o cérebro é responsável por mais de 50% dos casos, sem considerar que esse sofrimento possa decorrer do comprometimento lesivo pré-natal associado aos danos e efeitos de um parto traumático. (CIASCA, p. 427; ROTTA, 2016)

A incidência de crianças PC em países em desenvolvimento é de 7 entre 1000 nascidos vivos. Sendo a PC uma anormalidade causada por lesão no encéfalo imaturo, de caráter não progressivo, os sinais devem expressar a área lesada, refletindo neurologicamente os padrões anormais de postura e movimento; difícil linguagem, percepção visual, auditiva, memória, e grau de afeto em menor ou maior gravidade prejudicando a sua aprendizagem. Segundo Ciasca:

A criança PC, pode ter recursos neurológicos não otimizados para a aprendizagem decorrentes da própria condição lesional, no entanto, estruturas integrantes do sistema de recompensa podem

ser ativadas quando se executam atividades que causam prazer, levando a motivação e à repetição do ato. (CIASCA, p. 429; ROTTA, 2016)

Ainda Ciasca diz que muitos autores concordam que o prejuízo da função cognitiva está diretamente relacionada com gravidade do quadro motor, a extensão das crises epiléticas.

A criança PC é frequentemente destituída da reação comportamental, tornando-se passiva durante as atividades, e muitas vezes ela é privada da oportunidade de aprender por tentativas por erros e por experimentação, condições essenciais para aquisições educacionais sistemáticas.

Considerações finais

A educação inclusiva, notoriamente, com o enfoque nas artes em geral, possibilita ao aluno especial um desenvolvimento mais acentuado e uma maior evolução, tanto na aprendizagem cognitiva quanto no campo social e emocional. A arte estimula os alunos, sua auto expressão, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades através da criatividade, flexibilidade, sensibilidade, reflexão, imaginação e conhecimento.

É muito evidente, no processo de ensino aprendizagem, que propondo e realizando trabalhos de arte de forma rotineira, os alunos especiais assimilam os conteúdos com maior facilidade. Foi dessa maneira que descobri que a arte está aliada à aprendizagem e que deve estar sempre presente nos exercícios de um plano de aula. Assim como verificamos no PCN de Artes (BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional no 9.394, de 20 de dezembro de 1996).

“a arte na escola tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico dos alunos como fator humanizador, cultural e histórico, no qual as características da arte podem ser percebidas nos pontos de interação entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexistente. Não se trata de copiar a realidade ou a obra de arte, mas sim de gerar e construir sentidos. (BRASIL, PCN, 1998, p 35; in TAVARES, p. 26, 2012).

A arte, como apresentado nesta Monografia, além de facilitar a abordagem dos conteúdos, também possibilita outros aspectos significantes na formação do ser humano, sejam a área afetiva, sensibilidade e expressão, dando ao indivíduo a possibilidade de manifestar seu mundo interior, sua personalidade. Tais ações viabilizam sua evolução social, o que é extremamente importante na educação inclusiva especial. O ensino da arte, nas escolas, possibilita aos alunos portadores de necessidades especiais o despertar da criatividade, oferecendo um contato constante com a realidade e a fantasia, propiciando o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética.

Pessoas deficientes têm poucas oportunidades, poucas fontes de prazer, e é necessário que essas pessoas descubram valores em suas vidas, sintam-se valorizadas, úteis e amadas. A arte possibilita essa igualdade, porque através dela, chega-se ao belo que é apreciado por todos, sem distinção de cor, sexo, raça e religião, por isso considera-se a arte, a maior forma de integração e de desenvolvimento do ser humano.

Levando em conta minha prática junto aos alunos especiais, dei-me conta de alguns fatos importantes. Primeiramente, a educação inclusiva está progredindo, porém à passos lentos.

A seguir, percebo que muitas são as dificuldades enfrentadas diariamente pelo Educador. Com clareza, todos os dias vemos escolas com pouca ou nenhuma estrutura para receber alunos especiais, seja na estrutura física ou na área profissional. A escola pública, principalmente, permanece sem o apoio adequado por parte dos governantes para garantir um sistema que proporcione aos alunos uma maior convivência em um espaço físico com adaptações para uma melhor condição de mobilidade e coordenação motora.

O papel desempenhado pelo professor é fundamental na luta pela integração realmente inclusiva, porém no Brasil, muitos nem sequer conhecem detalhes e/ ou informações básicas no que diz respeito a educação especial inclusiva. E, para além disso, a partir de minhas vivências, posso afirmar que muitos deles são preconceituosos, o que dificulta ainda mais o desempenho das tarefas necessárias neste processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma torna-se difícil oferecer um ensino de qualidade ao aluno especial visto que, o professor acaba por necessitar de atualizações em suas habilidades buscando, quando possível, na participação em cursos, instrumentos para trabalhar a educação especial com qualidade.

Em vista disso é necessário que tal preconceito seja rompido, cultivando práticas que estimulem o convívio com pessoas de diferentes culturas, pois assim confirmar-se-á a maior troca de conhecimento que, em muitos casos, não é oferecida. Com essa iniciativa, cria-se vínculos de afetividade e respeito, princípios essenciais para uma sociedade mais justa.

Poderíamos no futuro, por exemplo, ter projetos, onde educadores formados em artes, pudessem estagiar nas escola Especial, proposto pelas próprias faculdades de Artes, com o objetivo de experenciar as deficiências do aluno especial e também ter um olhar crítico sobre Educação Especial, além de refletir sobre ideias possíveis para solucionar tais dificuldades do dia dia.

Referências:

ARRAES, J. **Musicoterapia avança pelo mundo, mas não tem prestígio no Brasil** - Disponível em: <http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/ciencia-saude/2016/12/10/MUSICOTERAPIA-AVANCA-PELO-MUNDO-MAS-NAO-TEM-PRESTIGIO-NO-BRASIL.htm> - acesso em: 12/02/18.

BELL, Judith. **Projeto de Pesquisa: Guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais**. Porto Alegre, Artmed, 2008

BRIDI, Fabiane Romano de Souza; FILHO, César Augusto Bridi; ROTTA, Newra Tellechea, (Orgs.) **Neurologia e aprendizagem: Abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre, Artmed, 2016.

CARVALHO, R. de, LIMA, B. dos - **A MÚSICA E O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO INFANTIL** - disponível em: http://pibid.unifai.com.br/adm/atividades_anexo/eaf5aaffd4eaa9d19554da587d508be9.pdf. Acesso em 12/02/18.

DELOU, Cristina Maria Carvalho. OLIVEIRA, Eloiza da Silva Gomes. SANTOS, Fabiana. MAZZILLO, Ida Beatriz costa Velho. SÁ, Márcia Souto Maior Mourão. RIBEIRO, Marília de Fátima Cordeiro. ROSA, Suely Pereira da Silva. ESPÍRITO SANTO, Wladia Félix. **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Inclusão**. Editora IESDE Brasil S. A. 2008. Curitiba, PR, Brasil.

DERDIC. Disponível em http://www.pucsp.br/derdic/int_derdic/a_derdic.html Acesso em: 18 fev. 2018

ESCOLA, Nova. **Inclusão: Respostas às maiores dúvidas de quem tem alunos com deficiência**. A solução é dada por professoras que enfrentam os mesmos problemas. Ano XXVI nº 244. Agosto 2011.

GOMES, Márcio(org). **Construindo as trilhas para a Inclusão**. Editora Vozes. 2009.

GARCIA, gilberto, ROTH, Maria da Graça Martino. **Conversando sobre síndrome de Down**. 2004

LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva e Igualdade Social**. São Paulo, Editora Avercamp, 2006.

MORESCO, RIBEIRO. **O conceito de identidade nos estudos culturais Britânicos e Latino-Americanos: um resgate teórico**. Revista Animus, v.14, nº 27, 2015

MUSICOTERAPIA-AVANCA-PELO-MUNDO-MAS-NAO-TEM-PRESTIGIO-NO-BRASIL-<http://cbn.globoradio.globo.com/editorias/ciencia-saude/2016/12/10/-htm>
Acesso em 12/02/18.

NASCIMENTO, Maria Inês Corrêa. Manual **Diagnóstico e Estatísticos de Transtornos Mentais, DSM-5** 5ª edição, American Psychiatric Association, transtorno do Espectro Autista, Porto Alegre: Artmed, 2014

OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos; ROTTA, Newra Tellechea. (Orgs) **Transtornos da Aprendizagem: Abordagem neurológica e multidisciplinar**. Porto Alegre, Artmed, 2016.

PACHECO, J. **Berço das desigualdades**. In: GOMES, M. (org). Construindo as trilhas para a inclusão. Petrópolis, Editoras Vozes, 2009.

PEREIRA, Isabella Lima e Silva; LEBEDEFF, tatiana Bolivar. **Educação especial: Olhares Interdisciplinares**. UPF, 2005

PEREIRA, Alesandra Marques. **Autismo Infantil: tradução e validação da CHILDOOD AUTISM RATING SCALE para uso no Brasil**. 2007. Dissertação Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Medicina. Programa de Pós Graduação em Ciências Médicas: Pediatria. Porto Alegre, 2007.

RODRIGUES, David. **Inclusão e Educação: Doze olhares sobre a educação inclusiva**. São Paulo, Summus 2006

RIZUTTI, Sueli. **Perfil clínico e neuropsicológico de crianças com transtorno do déficit de atenção e hiperatividade**. 2008, vol.66, n.4

SANTOS, Ivone Aparecida dos. **Educação para a diversidade: Uma prática a ser construída na educação básica**. Produção didática pedagógica -caderno temático- apresentado ao Programa de Desenvolvimento educacional do Paraná. Paraná, 2008.

SANTOS, Eleonora Campos da Motta. **Análises das racionalidades presentes em atividades formais de dança para pessoas com deficiência: um estudo de casos múltiplos em Salvador Bahia**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Dança, Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia para obtenção de grau de Mestre em Dança.

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: Um guia para educadores**. Artmed, 1999.

Secretaria de Educação Básica - disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/arte.pdf> Acesso em 12/02/18

TAVARES, Tais Bohlke Rutz. **O professor e a importância do ensino de arte no contexto da educação inclusiva de alunos com Necessidades Educacionais Especiais.** Monografia apresentada ao Programa de Pós Graduação em Artes, ao Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas, como obtenção do título de Especialista em Ensino e Percursos Poéticos. Pelotas 2012.

TARCITANO, T. **Empatia entre professor e aluno** - disponível em:
<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/empatia-entre-professor-e-aluno/>-
acesso em 13/01/18

Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade: breve revisão teórica no contexto da neuropsicologia infantil. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2075-94792011000300003. Acesso em 12/02/18.

VEJA, **Revista. Ano 50** - Nº. 30. EDITORA ABRIL. Disponível em: www.veja.com
Acesso em 26 de julho de 2017.

VEJA, Revista. **O novo mundo do autismo.** Edição 2540 -ano 50- nº 30. 26 julho de 2017.

O que é Transtorno Bipolar, sintomas, tratamento, tem cura?
<https://minutosaudavel.com.br/o-que-e-transtorno-bipolar-sintomas-tratamento-tem-cura/>

Dra Beatriz Beltrame, pediatra, <https://www.tuasaude.com>

<https://www.soumae.org>

Apêndice:

1. Perguntas feitas aos professores nas escolas visitadas:

1) Quais as estratégias utilizadas para viabilizar o princípio da inclusão? soluções que envolvem o trabalho em equipe são bem mais eficientes. Em muitos a boa-nova é que em muitos lugares a inclusão já é um trabalho em equipe.

2) Quais os maiores problemas a serem enfrentados além do preconceito? É a falta de estrutura da escola para suprir a deficiência das crianças.

3) Como conseguem recursos quando a escola não tem sequer a infraestrutura adequada?

O mais adequado é conversar com a equipe gestora.

2. Autorizações de uso de imagens:

